

# 77ª Semana Paulo Setúbal

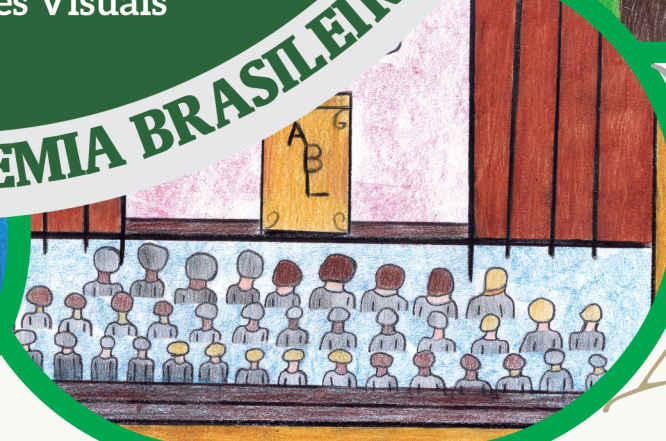
17º Prêmio Literário Paulo Setúbal  
Contos, Crônicas e Poesias

18º Concurso Paulo Setúbal  
Literatura e Artes Visuais

DISCURSO NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

85 ANOS

(1934-2019)



*Paulo Setúbal*

"Senhor Presidente, Senhores Acadêmicos,  
Para mim, que sempre vivi e escrevi no meu Estado  
longe do fanfarroneio gritante das gazetas e das rodas literárias,  
da imprensa não podia suceder paga maior do que a paga  
do trabalho."



APOIO CULTURAL

EDIÇÃO

SUPLEMENTO ESPECIAL

## 17º PRÊMIO LITERÁRIO PAULO SETÚBAL CONTOS, CRÔNICAS E POESIAS

(Abrangência nacional)

### CATEGORIA CONTO

1º lugar - obra: “LIA DE ITAMARACÁ E O CIRCOVOLANTE”  
Rodrigo Antônio Cardoso - São José dos Campos - São Paulo

2º lugar - obra: “DESTINO IGNORADO”  
Tatiana Alves Soares - Rio de Janeiro - Rio de Janeiro

3º lugar - obra: “NÃO OLHE PARA TRÁS”  
Carlos Aparecido de Souza de Amorim - São José dos Campos - São Paulo

Prêmio Galardão - Obra: “BELLA VISTA”  
Alexandre Aparecido de Oliveira Cardoso – Tatuí -São Paulo

Menção honrosa - Prêmio Galardão - obra: “CANÇÕES PARA O FOGO ROUBADO”  
André Stahl de Góes – Tatuí - São Paulo

Menção honrosa - Prêmio Galardão - obra: “A MULHER SEM ROSTO”  
Mariana Fogaça Calviño – Tatuí - São Paulo

Menção honrosa - obra: “A VIAGEM”  
Celso Antônio Lopes da Silva - São Paulo - São Paulo

Menção honrosa - obra: “A DELICADA MISANCENE DO AMOR VISTA PELO BURACO DA FECHADURA”  
Luiz Henrique Aguiar – Magé - Rio de Janeiro

Menção honrosa - obra: “O ÍNDIO EXCLUÍDO”  
Mária de Lourdes Prata Garcia - Bragança Paulista - São Paulo

### CATEGORIA CRÔNICA

1º lugar - obra: “RAM MÓVEIS”  
Lúcio Rodrigues Junior – Tatuí - São Paulo

2º lugar - obra: “O UNIVERSO NUMA FOLHA DE PAPEL”  
Odimar Justino Martins Proença – Tatuí - São Paulo

3º lugar - obra: “O QUIXOTESCO CAVALEIRO DA DÍSTOPIA”  
Luiz Eduardo de Carvalho - São Paulo - São Paulo

Prêmio Galardão - obra: “POR RAZÕES ESTÉTICAS E DE EXISTÊNCIA, ESSE TEXTO POSSUI UM TÍTULO MUITO GRANDE”  
André Stahl de Góes – Tatuí - São Paulo

Menção honrosa - Prêmio Galardão - obra: “QUANDO AS ALMAS SE ENCONTRAM”  
Mariana Fogaça Calviño – Tatuí - São Paulo

Menção honrosa - Prêmio Galardão - obra: “CATARSE EM VINHO TINTO”  
Marina Pedroza Lion – Tatuí - São Paulo

Menção honrosa - Obra: “REGIME SEMIABERTO”  
Lucêmio Lopes da Anunciação – Canela - Rio Grande do Sul

Menção honrosa - obra: “DOIS IRMÃOS”  
Vitor de Araújo Antunes – Nilópolis - Rio de Janeiro

Menção honrosa - obra: “CRÔNICA ESCRITA POR UMA PÁTRIA DEFLORADA”  
Elias Araujo - Américo Brasileiro - São Paulo

### CATEGORIA POESIA

1º lugar - obra: “SONETO (OU DEDO MÉDIO) AO CAPITÃO”  
Gabriel Eduardo Bortolini - Porto Alegre - Rio Grande do Sul

2º lugar - obra: “NOITE E NEBLINA”  
Pedro Vittorio Oliveira Andrade - São Paulo - São Paulo

3º lugar - obra: “VERSO E REVERSO”  
AnaCristinaMendesGomes -São Pedro daAldeia -Rio deJaneiro

Prêmio Galardão - obra: “PASSOS E VERSOS”  
Odimar Justino Martins Proença – Tatuí - São Paulo

Menção honrosa - Prêmio Galardão - obra: “CAPÍTULO”  
Jessé Emanuel Antonio dos Santos – Tatuí - São Paulo

Menção honrosa - Prêmio Galardão - obra: “BALADA”  
André Bueno Kaires – Tatuí - São Paulo

Menção honrosa - obra: “MODO DE FAZER”  
José Ronaldo Siqueira Mendes – Mutum - Minas Gerais

Menção honrosa - obra: “COMBUSTÃO”  
Michel de Oliveira Silva - Porto Alegre - Rio Grande do Sul

Menção honrosa - obra: “CASA DE AVÓS”  
Douglas de Melo Sá - São Paulo - São Paulo

\*Prêmio Galardão – destina-se única e exclusivamente a obra de autor (a) nascido (a) ou residente há mais de dois anos na cidade de Tatuí - SP

## 18º CONCURSO PAULO SETÚBAL LITERATURA E ARTES VISUAIS

(Abrangência municipal)

### ARTES VISUAIS 1º E 2º ANO - ENSINO FUNDAMENTAL

1º lugar - Felipe Pinto da Silva Fonseca - 2º Ano  
Emef “Prof. Accácio Vieira de Camargo”  
Professor (a): Elis Regina Prestes Barbosa

2º lugar - Lorena Alves de Oliveira - 1º ano  
Emef “Prof. Accácio Vieira de Camargo”  
Professor (a): Elis Regina Prestes Barbosa

Menção honrosa - Ana Helena Monteiro M de Souza - 1º ano  
Curso e Colégio Sul Paulista - Anglo  
Professor (a): Teresa Cristina N F Batista

Menção Honrosa - Ana Laura Camargo - 2º ano  
Emef “Prof. José Galvão Sobrinho”  
Professor (a): Angélica Aparecida de Mello Faria

Menção honrosa - Eric Soares - 2º ano  
Emef “Prof. José Tomás Borges”  
Professor (a): Alessandra Carlos Gonçalves

Menção honrosa - Pedro Tiago Alves do Nascimento - 1º ano  
Emef “Prof. Accácio Vieira de Camargo”  
Professor (a): Maria Elaine Bueno Gurgel

### ARTES VISUAIS 3º, 4º E 5º ANO - ENSINO FUNDAMENTAL

1º lugar - Lethicia Gabriela Sales - 5º ano  
Emef “Prof Firmo Antônio de C. Del Fiol”  
Professor (a): Sílvia Canto

2º lugar - Ana Beatriz A Silva - 5º ano  
Emef “Prof Firmo Antônio de C. Del Fiol”  
Professor (a): Sílvia Canto

Menção honrosa - Anna Jullya França Lima - 5º ano  
Emef “Profª Magaly A. de Toledo”  
Professor (a): Adriana Correa Camargo

Menção honrosa - Maria Eduarda Antunes de Oliveira - 4º ano  
Emef “Prof. Accácio Vieira de Camargo”  
Professor (a): Maria Elaine Bueno Gurgel

Menção honrosa - Giovanna Kevellyn Camargo de Sá - 5º ano  
Emef “Maria Eli da Silva Camargo”  
Professor (a): Ione Takenouchi Bioco

### LITERATURA 6º E 7º ANO - ENSINO FUNDAMENTAL

1º lugar - obra: “A Minha Inspiração”  
Curso e Colégio Sul Paulista - Anglo  
Contemplado (a): Luiza Valdrighi Marinho - 6º ano  
Professor (a): Mariana Fogaça Calviño

2º lugar - obra: “Uma Mãe para um Filho”  
Curso e Colégio Sul Paulista - Anglo  
Contemplado (a): Laura Valdrighi Marinho - 7º ano  
Professor (a): Mariana Fogaça Calviño

Menção honrosa - obra: “Meu Pai”  
Núcleo de Educação Básica Municipal “Ayrton Senna da Silva” - Nebam  
Contemplado (a): Emilly Araújo Santos - 6º ano  
Professor (a): Cristiane Villanueva Rodrigues

Menção honrosa - obra: “Gratidão e Caminhada”  
EE “Altina Maynardes Araújo”  
Contemplado (a): Letícia Américo Camargo - 7º ano  
Professor (a): Luiz Augusto Alves Barbosa

Menção honrosa - obra: “Como não Amá-la?”  
EE “Altina Maynardes Araújo”  
Contemplado (a): Nicolas Henrique Yamasaki Furquim - 7º ano  
Professor (a): Luiz Augusto Alves Barbosa

Menção honrosa - obra: “Senhores Jurados”  
Emef “Prof Alan Alves de Araújo”  
Contemplado (a): Pablo Damaceno de Lima - 7º ano  
Professor (a): Jessica Leite de P Revored

### LITERATURA 8º E 9º ANO - ENSINO FUNDAMENTAL

1º lugar - obra: “O Padrão”  
Curso e Colégio Sul Paulista - Anglo  
Contemplado (a): Catarina Costa Barreto - 8º ano  
Professor (a): Mariana Fogaça Calviño

2º lugar - obra: “Primaveril”  
Curso e Colégio Sul Paulista - Anglo  
Contemplado (a): Maria Eduarda Xavier Soares - 8º ano  
Professor (a): Mariana Fogaça Calviño

Menção honrosa - obra: “Valorizar”  
Curso e Colégio Sul Paulista - Anglo  
Contemplado (a): Giovana Cunha dos Santos - 8º ano  
Professor (a): Mariana Fogaça Calviño

Menção honrosa - obra: “Escuridão”  
EE “Altina Maynardes Araújo”  
Contemplado (a): Welinson Mendes de Brito - 8º ano  
Professor (a): Luiz Augusto Alves Barbosa

Menção honrosa - obra: “Inspiração do Interior”  
Emef “Prof Alan Alves de Araújo”  
Contemplado (a): Antônio Emanuel Vidal dos Santos - 8º ano  
Professor (a): Gisele Almeida Machado de Andrade

Menção honrosa - obra: “A Conquista da Imortalidade”  
Emef “Profª Maria Helena Machado”  
Contemplado (a): Julia Antônia Miranda Trevisan - 9º ano  
Professor (a): Marcos Paulo Cavalheiro Del Homo

Menção honrosa - obra: “Mãe: Amor Maior”  
Núcleo de Educação Básica Municipal “Ayrton Senna da Silva” - Nebam  
Contemplado (a): WadriellyRaffaellyDominguesFiuza - 8º ano  
Professor (a): Amanda Maria B. A. Giovanelli

### LITERATURA - ENSINO MÉDIO

1º lugar - obra: “Diário de Morte”  
Curso e Colégio Sul Paulista - Anglo  
Contemplado (a): Fernanda Antunes - 3º ano  
Professor(a): Mariana Fogaça Calviño

2º lugar - obra: “A Coreografia da Letras”  
Curso e Colégio Sul Paulista - Anglo  
Contemplado (a): Isabella Koyama - 1º ano  
Professor (a): Mariana Fogaça Calviño

Menção honrosa - obra: “São Paulo, 28 de abril de 2019”  
Curso e Colégio Sul Paulista - Anglo  
Contemplado (a): Hillary Fabiana Tereza Farah Zanella - 3º ano  
Professor (a): Mariana Fogaça Calviño

Menção honrosa - obra: “O Poder do Imensurável”  
EE “Altina Maynardes Araújo”  
Contemplado (a): Jozeana Bezerra Vitorino - 2º ano  
Professor (a): Luiz Augusto Alves Barbosa

Menção Honrosa - Obra: “Meu Amigo 'Imortal”  
EE “Prof. Ary de Almeida Sinisgalli”  
Contemplado (a): Ana Laura Silva - 1º ano  
Professor (a): Cristiane Silva dos Santos

# expediente

**O** tabloide **PAULO SETÚBAL**  
**é uma publicação da**  
**AMR - Empresa de Comunicação Cidade Ternura**

**Redação**  
Praça Adelaide Guedes, 145 - Centro  
Sala 2 - Tatuí -SP  
www.tatuicidadeternura.com.br

**Edição**  
IVAN CAMARGO  
**Diagramação**  
ERIVELTON DE MORAIS

**Secretário de Esporte, Cultura, Turismo, Lazer e Juventude**  
Cassiano Sinisgalli

**Secretário de Educação**  
Miguel Lopes Cardoso Júnior

**Diretor Executivo do Departamento de Cultura**  
Rogério Donisete Leite de Almeida

**Comissão do Concurso**  
Cassiano Sinisgalli  
Rogério Donisete Leite de Almeida  
Márcia Aparecida Oliveira  
Luís Antônio Galhego Fernandes  
Wagner Eduardo Graziano

**Equipe Técnica do Concurso**  
Mária Augusta de Abreu Raggio Barbará  
Pedro Heilborn de Oliveira

Maria Bernadete Ribeiro  
Maria Bernadete da Silveira

**Equipe do Museu “Paulo Setúbal”**  
Emilene Vieira Fiuza de Oliveira  
Leila Maria Leite Miranda  
Pedro Heilborn de Oliveira  
Regiane Domingues Francisco  
Rose Mary Raymundo Falchi  
Tiyoko Tackenchí

**Comissão Julgadora do 17º Prêmio Literário Paulo Setúbal Contos, Crônicas e Poesias** (abrangência nacional)  
José Rubens Incao  
Maria Virgíllia Frota Guariglia  
Myrna Ely Atalla Senise da Silva

**Comissão Julgadora do 18º Concurso Paulo Setúbal**

**Artes Visuais** (abrangência municipal)  
Carmelina Monteiro  
Jaime Pinheiro  
Mingo Jacob

**Literatura** (abrangência municipal)  
Ary Roberto  
Cimira Camerón  
Ivan Camargo

editorial

## DISCURSO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (1934-2019)

85 ANOS

### PARTE DO DISCURSO DE PAULO SETÚBAL

“SENHOR Presidente, Senhores Acadêmicos,

Para mim, que sempre vivi e escrevi no meu Estado natal, longe do fanfarreio gritante das gazetas e das rodas literárias da metrópole, não podia suceder paga maior do que a paga que me concedestes: ser galardoado com a mercê, alta e insigne, de membro da Academia Brasileira de Letras. Esta noite, portanto, senhores Acadêmicos, em que me abris festivamente o pórtico da Casa de Machado de Assis, o pórtico de vossa casa, isto é, da casa em que mora a mais nobre e a mais alevantada intelectualidade do país, esta noite, quero acentuá-lo prazerosamente aqui – é a grande noite fulgurante da minha desvaidosa carreira de letras. Não sei se foi, apertadamente, na vossa justiça, ou, complacientemente, na vossa generosidade, que vós decidistes dar-me. Sei apenas que, assim o decidindo, vós me coroastes com as vossas mãos consagradoras; e eu vos agradeço, senhores Acadêmicos, eu vos agradeço aqui, no limiar desta festa, essa coroa de louros tão envaidecedora, com que premiastes o escritor da província.

Mas deixai também, meus Senhores, nesta linda hora risonha, em que as emoções mais íntimas se atropelam dentro de mim, deixai que, mal acabe de vos agradecer, eu me ausente precipitado destas galas. Sim, deixai que meu coração voe para longe daqui, fuja para a minha estremecida cidade de São Paulo, e lá, comovido e respeitoso, penetre por um momento, muito de manso, numa casa modesta de bairro sem luxo. Nessa casa, a estas horas, nesta mesma noite, está uma velha toda branca, oitenta anos, corcovada, com o seu rosário de contas já gastas, a rezar diante da Virgem pelo filho acadêmico. Pelo filho que ela, a viúva corajosa, ramo desajudado, mas altaneiro, de família opulenta, criou, educou, fez homem – Deus sabe com que sacrifícios e com que ingentes heroísmos obscuros! Deixai pois, senhores Acadêmicos, que o meu coração voe para a casa modesta do bairro sem luxo, entre o quarto do oratório, ajoelhe-se diante da velha branquinha, beije-lhe as mãos, e, na brilhante noite engalanada deste triunfo, diga-lhe por entre lágrimas:– Minha mãe, Deus lhe pague!”

*O texto é parte do discurso que Paulo Setúbal proferiu em sua posse na Academia Brasileira de Letras e que serviu como base para o concurso de abrangência municipal.*

Em 2019, o concurso de abrangência nacional recebeu 544 inscritos de 102 cidades brasileiras de 19 Estados e do Distrito Federal: Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Santa Catarina e São Paulo. O Prêmio GALARDÃO, que destina-se única e exclusivamente a obra de autor (a) nascido (a) ou residente há mais de dois anos na cidade de Tatuí (SP) recebeu 42 inscrições, comprovando a importância municipal da manutenção do Prêmio.

Tradição na cultura municipal, o Con-

curso Literário, de abrangência municipal, permite revelar novos e grandes talentos para o cenário nacional. Sem dúvida alguma, as obras de Paulo Setúbal constituem-se em um aprendizado incomparável para desenvolver a habilidade da leitura. Por meio de suas obras, o leitor pode aos poucos ir desvendando as teias da história do Brasil e também da vida do autor.

E o grande incentivador dessa modalidade do Concurso são as unidades escolares, por meio de seus diretores, coordenadores e professores, que fomentam a memória do escritor e que, devido a esse incentivo, serviram de tema para o Concurso deste ano.

É de suma importância aguçar o interesse do estudante, educador e pesquisador para as obras de Paulo Setúbal. Por esse motivo, trazer na Semana Paulo Setúbal um pouco da vida e da obra de Setúbal facilita o contato com o escritor tatuiano, e a forma que observava sua pequena Terra Natal e seus personagens.

E que, sigamos o exemplo de nosso tatuiano Paulo Setúbal, possibilitando num momento de presteza em nossa história voltar nosso olhar àquele que, com dedicação, permitiu-nos sermos grandes homens. Com carinho a todos os Professores!

Comissão Organizadora da 77ª Semana Paulo Setúbal

## LIA DE ITAMARACÁ E O CIRCOVOLANTE

Quando Lia de Itamaracá abre a boca para cantar a ciranda, a minha alegria é tanta que eu me dispo de minha serôdia senilidade e me ponho criança fácil, feliz e desmimada; sacudindo devagar e com decência, no começo, para depois pular feito cabrito.

Os olhos se arregalam quando se escuta: “Eu sou Lia da beira do mar, morena queimada do sal e do sol da ilha de Itamaracá”.

Após, a banda começa a debulhar suas taroladas com aquela fanfarrinha que casa bem com os nervos da gente, as pernas começam a replicar a zabumba com um sapateado serelepe, os ombros desandam a molengar uma qualquer coreografia mequetrefe.

Os galalaus destampam o axé.

Lia canta: “Minha ciranda não é minha só, ela é de todos nós, ela é de todos nós!” Sucede então um desaparecimento. Eu junto mão com mãos, pisoteio pé alheio.

De fato, esta folcloridade toda não pertence à museologia de audição solitária. Oxalá possamos ouvir Lia de Itamaracá em praça pública ou adro de igreja, com muita cachaça na cabeça ou cerveja!

Enquanto cirandamos, Lia canta a glória como quem conta uma história: “Eu vi uma preta cirandeira brincando com um ganzá na mão, brincando ciranda animada no meio de uma multidão! Menino, eu parei fiquei olhando, a preta pegou a improvisar, eu perguntei quem é esta negra? Sou Lia de Itamaracá!”

Lia canta e me judia, pois minha cabeça balança, balança, balança, sem se livrar de lhe obedecer os ditames do molejo. A muvuca está uma delícia, um delírio de catar cavaco com alpercata!

“A ciranda vai, vai; a ciranda vem, vem!” Lia canta e eu me achego, com outros, no passinho de seu ir-e-vir. Como seria possível ser só, se o mundo fosse um mundo de Lia, um mundo de pura ciranda?

De fato, eu nunca vi Lia.

De fato, eu hoje estou só, cá a escrever.

O sonho retrovislumbrado foi suscitado pela lembrança indireta que tenho de Lia mediante o Circovolante.

Eu não conhecia Lia de Itamaracá em meus tempos de consecutivos carnavais em Mariana, Minas Gerais.

Quantas vezes juntei-me tontamente ao Circovolante, cercado de amigos como Ênio, Lucy, Valéria, Céia, Jessé, Paulinho Teteco, o pintor Salvador Paixão, e mesmo o poeta Fernando Sales!

Quantas vezes me esbaldei com o Circovolante, cercado de amigos ou mesmo tresmalhado de tanto pular para cá e para lá, ao som de Lia de Itamaracá!

Grande Lia, no próprio verso autoproclamada – eu cantava...

Eu cantava como se eu também fosse “Lia”, sem saber de nada...

Sem saber em que consistia a maravilha...

Sem saber de Lia, sem saber da ilha...

O Circovolante e Lia de Itamaracá são duas paixões para muitas pessoas que conhecem o carnaval de Mariana.

Por ora, em se tratando de compreender a estreita ligação de ambos, cuido que é preciso mergulhar em Lia e emergir no Circovolante; para encontrar, quiçá, ao cabo da travessia, a alegria iorubá, ou um xodó maior: a própria lemanjá.

Mergulho.

Quando Lia de Itamaracá abre a boca para cantar a ciranda, há uma comunhão do físico com o metafísico.

Os dentes lindos de Lia, mulher afrosseptuagenária maravilhosa, encorpam o timbre dos versos cantados, o mesmo timbre de sua prosa.

Nisto consiste a comunhão aludida: o corpo de Lia, sua cor e a

multicor de seus vestidos, interagem com as ondas de som, que também é físico, e produzem o despertar da ciranda, este sim, coisa metafísica, ou pós-coisa, verdadeira primavera dos passos, jardim de cores que são flores de vestidos em inefável bailado, carrossel de pernas baralhando o olhar desavisado.

Aquele suspense gerado pelo primeiro verso sonoro e longo de Lia, quando ela canta: “Eu sou Lia da beira do mar”, repercute nas paredes da alma e antecipa uma explosão de alegria. Explode a alegria, eclode a primavera. A banda se sacode com seus ganzás, zabumbas, curimbós, sem prescindir de nossos queridos e cabaçudos agbês.

Lia se endeusa neste momento e seu canto é a própria alma do vento. Emirjo.

O Circovolante está aqui, sempre presente, no meu coração.

Há maravilhas no mundo folclórico e artístico que não se apartam de nossa alma por mais que as décadas se avolumem.

Eu vi o Circovolante surgir em meados do ano 2000.

Quando vi Xisto pela primeira vez, não aventei hipótese de que ali residia um destino.

Não lembro bem o contexto, nem a casa. Somente lembro que o vi: era um rapaz totalmente diferente, porque ria muito e não parava de sorrir e de se movimentar. Hoje entendo que o meu grau de estranhamento radicou-se no desconhecimento do fato de que ali, diante de mim e do respeitável público, apresentava-se um respeitável palhaço.

Muito tempo depois do convívio com Xisto em serões de festas e tertúlias nas repúblicas de Mariana, vi surgir e crescer o Circovolante.

A trupe de palhaços profissionais, formada inicialmente por Xisto, João e Paulinho, hoje é muito importante logomarca no segmento da palhaçada, cujos multiprojetos atendem a centenas de consumidores das commodities do sorriso e da risada.

O Circovolante sagrou-se no carnaval de Mariana como insofismável animador de foliões e antítese dos trios elétricos.

Saíamos todos, tontos ou não, de sua concentração na sede da Rua Dom Viçoso, e culminávamos na Rua Frei Durão.

O carnaval em Mariana sempre subsistirá como resistência a qualquer danação.

As lembranças que tenho do Circovolante são transcendentais. O repertório musical sensacional, o malabarismo do palhaço da perna-de-pau...

Em meio a tudo, Xisto entoava a ciranda de Lia.

À guisa de rolemã, o povo enroscava uma ciranda anã.

Eu pulava, eu pulava, eu pulava, eu não aguentava me conter à ciranda – eu era o cirandeiro que ficava saracoteando no meio.

Xisto cuspi fogo sobre nossas cabeças.

Eu surtava.

Meu surto era um curto circuito fortuito – alegria com sorriso de Lia.

Hoje eu consigo ver o pormenor de tais relações...

Ao cabo destas sensações, a dialética iorubá permite-me encerrar esta escrita com outro vislumbre.

Vislumbrei um sonho com Lia, vislumbrei reminiscências com o Circovolante. Agora vislumbro a alvura.

O alvor que busco são as brumas de Ouro Preto e o alvorecer das praias de Pernambuco.

Antevejo uma forma humana que se aglutina nas formas do branco. Encontro.

Eu encontro lemanjá.

categoria **CONTO** ■ ■ ■ 2º lugar

Tatiana Alves Soares - Rio de Janeiro - Rio de Janeiro

## DESTINO IGNORADO

Realizara um sonho de consumo: adquirira, afinal, um GPS. Tolice, é verdade, pois as rotas que costumava utilizar eram as velhas conhecidas de sempre, mas dizem que a diferença entre os brinquedos dos meninos e os dos homens está apenas no preço de cada um. De nada valeram argumentos acerca da inutilidade do produto. Não sossegara até comprar o tal aparelhinho.

Ao deitar-se, deliciou-se viajando no brinquedo. Simulou trajetos, visitou lugares longínquos, degustando o passeio virtual pelas ruas até adormecer. Sonhou em 3D.

Tirou o dia seguinte para resolver pendências, no fundo mera desculpa para testar sua mais nova companhia. Instalou a preciosa aquisição no carro, configurou a voz feminina – lá ia querer voz de macho a guiá-lo? – e partiu.

Era fascinante! Ria, extasiado, a cada indicação pausada e de voz suave. Ao deixar o carro, conteve o impulso de levar sua companheira de trânsito para casa. Dessa vez, o sono foi agitado, com rotas que se sobrepujam e se entrecruzavam, sem que ele jamais conseguisse chegar a seu destino. A voz feminina do GPS não saía de sua cabeça.

O segundo dia foi dedicado a um passeio sem rumo definido. Punha um destino no GPS e divertia-se, contrariando as diretrizes fornecidas pelo aparelho, e obrigando-o a refazer, por sucessivas vezes, o percurso, sugerindo outro trajeto.

Ao deixar o carro no estacionamento rotativo, não resistiu à provocação:

- Boa noite, Suellen.

Riu alto, diante do ridículo. Sempre debochava de quem punha nomes como Jennifer ou Tiffany nos filhos, mas achava que um GPS não poderia ter um nome como Beatriz ou Maria Eduarda. De fato, nem precisaria mesmo dar um nome, mas ter uma voz feminina pronta a atendê-lo preenchia seus mais recônditos desejos, num inconfessável machismo. Praticamente uma garota de programa em versão auditiva.

- Boa-noite, Álvaro – respondeu a voz.

Gelou. Estava alucinando. Não bebera nem um chope. Desde a Lei Seca, era quase um abstinente. Só bebia se estivesse a pé ou de táxi. Então, não era embriaguez. Olhou ao redor, certificando-se de que estava sozinho no estacionamento e desejando, no fundo, que houvesse alguém por perto que quisesse lhe pregar uma peça. Mas ninguém o conhecia ali. Como saberia o seu nome?

- Você falou comigo? – perguntou, em um tom quase inaudível. Se houvesse alguém à espreita, ele não daria a chance de rirem dele.

- Você me deu boa-noite, não deu? Eu apenas respondi – a voz firme e suave de Suellen se fez ouvir novamente. Não havia dúvida: era a voz do GPS, retrucando.

- Ué. Você fala?

- O tempo todo. Ou você se esqueceu de como chegamos até aqui? – era impressão, ou o GPS, além de tudo, era cínico?

- Não... Er... Digo... Você fala algo além dos comandos e direções programados?

- Você falou comigo após chegarmos ao nosso destino. E eu respondi. Por falar nisso, você vai me deixar passar a noite aqui sozinha, nesse frio? – sua voz continha um quê de ironia, e uma leve ameaça.

- O carro tem aqueci... Peraí: você quer que eu suba pro meu apartamento com você? Não vai rolar. Como eu vou explicar você para minha mulher?

- Prometo me comportar. Seria pior se eu começasse a falar de todos os lugares por onde você tem passado assim que ela entrasse no carro, não é? Além disso, ela já sabe que eu existo...

Álvaro suava frio, a despeito da baixa temperatura daquela noite. Estava sendo chantageado por um GPS. Uma amante de inteligência artificial. Surreal. Por fim, rendeu-se.

- Tá bom, eu te levo. Mas você vai ficar quietinha na estante da sala, ouviu?

- Nananinã. Vou ficar na cômoda do seu quarto, em frente à sua cama.

- Nada disso! Você vai ficar me observando, e... – interrompeu-se, percebendo o insólito da situação.

- Ou você me leva para o seu quarto ou a sua mulher vai saber de tudo – ameaçou ela.

- “Tudo” o quê? Que um GPS fala comigo?!

- Claro que não... – ela retrucou, maliciosa. – Isso ela iria perceber assim que eu abrisse a boca. Falo de todo o resto, de nossos passeios juntos, das coisas que você diz quando pensa alto...

- Tudo bem, tudo bem – Álvaro rendera-se ao desespero, ignorando qualquer vestígio de razão que ainda pudesse manter. Mesmo ele não tendo nada a esconder, o tom de ameaça usado por Suellen conferia à situação um ar de clandestinidade.

- Subiu para o apartamento com o GPS nas mãos. Sentia-se um tanto ridículo por levar o aparelho para casa, mas não podia arriscar.

- Ué. Pra que isso em casa? Pra não se perder nesse apartamento enorme? – zombou a mulher.

- Ih, Flávia, colabora. Desacoplei do carro, porque acho que precisa de uns ajustes.

- Hummm. Vai dormir com o brinquedinho novo? Bem, poderia ser pior: e se fosse um vibrador? – novo deboche da mulher, que deixou o cômodo.

- Uau. Ela ainda é pior do que eu – a voz de Su invadiu a sala.

Nervoso, Álvaro começou a tossir, para ocultar a voz do GPS.

- Você disse alguma coisa? – a voz da mulher vinha, abafada, do banheiro.

- Não... Er. Me engasguei, só isso.

- Meu amor, estou ficando preocupada. Você anda

agindo de modo estranho.

- Não tenho dormido bem, só isso – disse, tentando aparentar tranquilidade, enquanto ajustava o GPS em cima da cômoda.

- Por que deixar esse troço aqui no quarto? Deixa lá na sala – Flávia odiava admitir, mas estava irritada com o deslumbramento do marido com o artefato.

- Qual o problema? Não vai me dizer que você ‘tá com ciúme do aparelho, né?

- Claro que não – ela caçoou, ofendida. Jamais iria admitir que sentia ciúme da atenção que o marido dedicava a outras coisas.

Aquela noite foi dedicada a um filme, seguido do sono pesado de Álvaro. Não queria se arriscar a dizer ou fazer nada que pudesse provocar Suellen.

Assim que foi colocada no carro, ela começou:

- Da próxima vez, coloca um filme de suspense. Ou de terror. Acho filmes de ação um porre.

- Ah, é? O que você prefere? Cristine, o carro assassino?

- Engraçadinho – disse ela, antes de se calar.

E seguiu calada a viagem inteira. Álvaro ajustava o aparelho, mas ele voltava ao estágio inicial após indicar que estava programando a rota. Ele não acreditava nisso: o GPS estava emburrado com ele.

Os dias que se seguiam foram dedicados a tentar consertar o GPS, muito embora ele soubesse que não se tratava de defeito, mas de pirraça. Levou-o à assistência técnica, acionou a garantia – que lhe propôs a troca do aparelho, o que ele prontamente recusou. Dormia com o artefato na mesinha de cabeceira, e às vezes acordava, no meio da noite, pedindo baixinho:

- Su, fala comigo, por favor... Me perdoa, vai – nenhuma resposta.

Inconsolável, começou a beber. A barba por fazer dava-lhe um aspecto deprimente, que não passou despercebido à mulher. Flávia bem que tentou descobrir o que acontecia, mas Álvaro estava cada vez mais isolado.

Em alguns dias, já haviam se tornado estranhos um ao outro. Curiosamente, Flávia parecia mais animada, como se houvesse descoberto uma nova mulher dentro de si. Voltara a se arrumar, fizera um novo corte no cabelo, começara um curso de dança e cantarolava sem motivo. Parecia ainda mais jovem do que nos tempos de namoro.

Em pouco mais de um mês, estavam separados. Como o processo foi amigável, decidiram se mudar dali somente quando o apartamento fosse vendido e o dinheiro, repartido entre ambos;

Naquela manhã, ela saíra atrasada e acabara de bater a porta. Cinco minutos depois, Álvaro mal pôde acreditar ao ouvir uma voz masculina e sensual vinda da gaveta do criado-mudo da ex-mulher:

- Já está pronta, meu amor? Mal posso esperar para termos um cantinho só nosso...

categoria **CONTO** ■ ■ ■

3º lugar

Carlos Aparecido de Souza de Amorim - São José dos Campos - São Paulo

## NÃO OLHE PARA TRÁS

Todos conhecem a História. Depois da morte da mulher Eurídice no dia do casamento, Orfeu, filho do deus Apollo, foi até o Inferno (ou submundo dependendo de como se queira encarar) implorar para Hades e sua mulher Perséfone pela vida da amada, clamando quão injusta fora sua morte. Depois de tocar sua lira e comover a todos, o desejo é concedido. Com uma condição: No caminho de volta Orfeu não poderia olhar para trás para ver se Eurídice o acompanhava. Se olhasse, estaria tudo acabado. É assim que acontece, porque todos sempre olham para trás. Mais um dos joguetes do Inferno que nenhuma melodia concebida por Orfeu poderia impedir.

Só que dessa vez, nesse universo, nesse aspecto da realidade, Orfeu não olhou para trás. Seguiu firmemente, passo a passo, até a saída do submundo, e encontrou Eurídice ao seu lado. Conseguiu sua amada de volta. Venceu a tragédia, conseguiu seu feliz para sempre. Poderia viver a vida impedida por todos os deuses e pela própria história.

Apesar de tudo, ainda eram Orfeu e Eurídice, e sua história, a que ele evitou ao não olhar para trás, manteve-se em cânticos, esculturas, quadros e contos que ecoaram por incontáveis realidades e universos até chegar no deles. Isso foi o suficiente para dar ao casal uma aparente imortalidade. Eram mitos, lendas, mesmo que não se dessem conta disso.

Eles se casaram e tiveram dois filhos. Filhos que não tinham rosto nem nomes definidos, os nomes iam mudando conforme os tempos e os pais nunca conseguiam vê-los de fato. Seus rostos se metamorfoseavam de acordo com o humor das pessoas próximas. Eram mais estados de espírito, como uma sombra quando você está triste ou uma brisa quando está feliz. O preço que eles pagaram para o universo deixá-los existirem é o de incomodar o menos possível, de serem quase invisíveis, quase não seres. Era uma meia vida.

Mas mesmo sendo apenas sopros de existência, Orfeu e Eurídice ainda os amavam. Amavam daquela maneira dolorosa, irracional, visceral que só pais sabem como. Sem pensar ou ponderar um segundo. O amor deles preenchia os pedaços inexistentes dos filhos, as peças que estavam faltando no seu ser. E assim viviam, e assim seguiam.

Mas o passar dos anos, apesar de gentil com a aparência do casal, não foi forte o suficiente para evitar uma questão. Uma única questão que Orfeu ignorava e Eurídice não tinha tanta sorte de fazer o mesmo, já que estava bem na frente dela. Já que sempre esteve bem na frente dela.

Por que ele não olhou para trás?

Eurídice se sentia culpada toda vez que a questão surgia e logo a tratava de abafá-la com sua vida corriqueira. Buscar os filhos na escola, o trabalho de produtora musical (ela começou com o marido, que agora atém-se a jingles de comerciais. No momento ela busca novos talentos) academia, TV, teatro... mas a questão sempre teimava em voltar. Toda vez que encarava o olhar cada vez mais distante e cansado

do marido, toda noite que ele dava uma desculpa para ficar fora de casa, sempre que ela sentia no seu âmago que, apesar de amar os filhos, Orfeu queria que eles fossem normais, que não fossem uma falha no universo, uma impossibilidade.

Por que ele não olhou para trás?

Nos piores dias, naqueles em que a questão tomava todo o seu tempo e tirava seu ar, Eurídice odiava o marido. Odiava com a força que apenas ninfas odeiam, com o total oposto de sua pureza. Um ódio tão cru e irrepreensível quanto o amor que elas podem oferecer. Eurídice não tem tons de cinza. Não foi criada para tê-los. Seu ódio é silencioso e poderoso, uma dor imaginável concentrada em um único indivíduo.

Nesses dias seus filhos pareciam mais etéreos e ficavam agitados, quase como se agarrando ao fiapo de vida que têm. Como se um estalar de dedos da mãe os fizesse desaparecer da existência. Ironicamente são nesses dias que Orfeu, mantendo-se alheio ou mesmo ignorando a fúria da mulher, cria suas mais lindas melodias. Sempre num piano ou violão, não na lira, nunca na lira. É como se os dois entrassem em uma sintonia destrutiva, a que agora parece a única que têm. E cada um em seu canto, cada um à sua maneira, encenassem a tragédia que estavam fadados a viver, mas que conseguiram evitar. Os dois se comunicavam apenas no silêncio.

Silêncio pontuado por música. Notas melancólicas quase inaudíveis e ao mesmo tempo ensurdecedoras.

Essa era a conexão do casal. Viviam de paradoxos. Eram paradoxos. Eurídice se perguntava quando aquilo começara. Os primeiros séculos não pareceram tão opressores. Será que foram os rumos que o mundo foi tomando? As constantes guerras, a explosão populacional, tecnológica, a conectividade quase total? Será que eles foram sendo deixados para trás e têm que culpar o mundo e sua rapidez, que comprimiu milênios em séculos, séculos em décadas e décadas em anos? Que dá cada vez menos importância para as lendas que eles nunca chegaram a ser?

Ou será que o problema é anterior a isso?

Com o tempo, com o pesar dos anos, a questão de Eurídice, a chave para entender o que foi a vida dos dois depois do submundo, começou a se metamorfosear. A questão sempre esteve se movimentando para isso, mas mesmo os milhares de anos dela não puderam parar e observar essa lenta e nociva caminhada, esses pequenos passos que mudariam tudo. Seria como ver rochas transformadas em areia pela ação dos ventos e dos mares, só que Eurídice não conseguia assimilar como uma coisa virou a outra. No fim pareceu tão repentino, tão brusco.

“Por que ele não olhou para trás?” virou “Por que ele foi pro Submundo, afinal?”

Por que o risco, por que o começo da História? Por que ele não a deixou lá para sofrer o que quer que fosse seu destino? Por que ele a buscou, se não olhou para trás? Por que não completou a tragédia, finalizou a canção?

Ela observou a lira empoeirada. Qual foi a última vez que ele tocara? Ela tentou lembrar do som da música do marido, mas a lembrança trazia o submundo de novo, e ela se sentia tragada novamente, então achou melhor esquecer. Será que Orfeu não tocou mais por causa disso? A lembrança do que passaram era tão temível que ele preferiu não arriscar repeti-la? Ou será que ele não se esforçou para transformar o som da lira em algo bom para os dois? Uma nova música para um novo começo? Por que a lira tinha que representar só o Hades? Só a perda?

Então Eurídice soube. Soube que Orfeu era humano, que errava, que mudava de ideia. E soube que ele mudara de ideia muito antes do que ela imaginava. No começo de tudo. Olhar para trás não era fraquejar, era o oposto disso.

Se ele a amasse, a teria deixado ir. Teria fraquejado. O amor seria a ruína dos dois, mas seria amor, e muitas vezes os dois conceitos andam de mãos dadas. Era para ilustrar isso que eles foram criados, e é nisso que de fato falharam. Seus filhos eram uma representação física do que os dois eram de verdade. Incompletos.

Depois que se deu conta disso, Eurídice sabia que não podia mais continuar naquela vida. Não podia mais ser Eurídice, mulher de Orfeu, auloníade. Nunca pôde, Eurídice morrera há muito, muito tempo. Ela foi para o quarto quase vazio que servia de escritório para o marido. Não soube que impulso a levou lá. Por um momento teve o estranho pensamento de ter ido se despedir de alguém, mas não conseguiu conjurar rosto ou nome. A ideia de filhos veio e se foi de sua mente como uma brisa, mas era ridícula. Eles nunca tiveram filhos, era só um sonho. Sempre fora só um sonho.

Ela não esperou ele chegar do trabalho, pois sabia que seria uma das suas tantas noites fora fazendo sabe-se lá o que com sabe-se lá quem. Sabia também que não importava, era só ela sair por aquela porta que todos os séculos não passariam de sonho, um bom sonho que se perdeu em algum momento e se estendeu mais do que devia. Orfeu nunca ia saber o que perdera pois nunca saberia o que um dia teve.

Então Eurídice foi. Foi para o esquecimento, para a curta, falha e surpreendente mortalidade.

E nunca olhou para trás.

Os relatos sobre Orfeu são contraditórios. Os poucos que o conheciam falaram de um homem peculiar zanzando pelas ruas, sem rumo, imitando o toque de uma lira, usando o vento como seu instrumento. Tinha vestes maltrapilhas, mas sua voz, essa marcava. Era a única coisa que todos os que depararam com o andarilho lembravam. Cantarolava baixinho, para si, mas ninguém tinha ouvido, ou ouviria pelo resto de suas vidas, algo tão belo, tão marcado por dor e perda, tão assombroso.

Passados alguns anos, um corpo sem registro apareceu num matagal num parque próximo ao antigo lar dos dois. Estava esfaqueado, membros manchando de sangue uma roupa que lembrava vagamente uma toga. Nunca encontraram a cabeça.

categoria **CONTO**

Prêmio Galardão

Alexandre Aparecido de Oliveira Cardoso – Tatuí - São Paulo

## BELLA VISTA

Levanto-me. São oito horas da manhã. Devido faltar do trabalho, apesar de nunca ter feito isso antes. Preparo um chá de canela e o tomo, aos poucos. Abro a janela e um vento gelado me corta o rosto. Aqui de cima, do décimo terceiro andar, eu vejo a imensidão da cidade com seus habitantes andando de lá pra cá como se fossem um bando de zumbis apressados.

Fecho a janela, encho a caneca com mais chá e volto pra cama, para debaixo do cobertor. Ligo a tevê, mas nada prende minha atenção. Passos vêm e vão pelo corredor. De repente um aroma agradável invade minha alma. Parece laranja seleta, mas não é, é tangerina! Seria poncã? Cravo? Murcote? Definitivamente não! Não é de nenhuma dessas variedades, mas sim de uma que infelizmente não conheço o nome, uma que eu encontrava em abundância na minha cidadezinha natal, na minha Bella Vista...

O aroma cítrico banha o meu eu e me enche de nostalgia, revelando lembranças que eu já tinha dado por perdidas, lembranças que se embaralham e se debatem dentro de mim, me sufocando, me deixando à mercê dos meus fantasmas e demônios do passado.

Ah... Quanta saudade...

Eu, ora com meus irmãos, ora com meus vizinhos, pulando para agarrar as tangerinas madurinhas que ficavam bem no alto. O caseiro da fazenda sempre vinha nos ameaçar com uma espingarda, e nós corríamos como velocistas olímpicos. Na outra semana, estávamos lá novamente, e tudo se repetia.

Quantos enterros eu acompanhei... Porque, segundo os bela-vistenses, quem visse um carro fúnebre levando um caixão para o cemitério, tinha que acompanhá-lo até que ele sumisse do campo de visão, caso contrário você atraía coisas ruins. Eu é que não brincava com essas coisas na época, o que me transformara quase num papa-defunto.

E as madrugadas que eu passava encolhido debaixo da coberta enquanto ouvia os cavalos relinchando em meio ao vendaval, meu corpo estremece só de lembrar. Porque, ao amanhecer, os cavalos apareciam com a crina trançada, o que diziam ser obra do saci.

O aroma de tangerina desaparece do ar, mas permanece impregnando a minha mente, de onde continua brotando lembranças que me embriagam de saudade... Engulo o resto do chá, me ajeito na cama, e volto a me perder em meio aos meus devaneios...

Quase todas as noites, eu brincava na desértica rua de casa com meus irmãos e vizinhos. Brincávamos de pega-pega, salada mista e amarelinha. Eu vivia caçando vaga-lumes e os colocando dentro dos potes vazios de palmito, que usava para iluminar o meu quarto durante as primeiras horas de sono. Outra mania daquela época era a comilança de açúcar

caramelizado, que nós mesmos derretíamos na própria colher no fogão.

Quando me pego pensando no passado, concluo que eu era feliz e não sabia. Mas será que no futuro, eu não direi o mesmo sobre minha época atual? Na verdade, acho que a nossa mente faz uma triagem com os nossos momentos do passado, os bons ficam na memória, já os ruins vão para o inconsciente. Por isso afirmamos que éramos felizes, e nunca que somos felizes.

Mas paro de divagar e volto às minhas lembranças...

Então, eis que surge Fernandinha toda saltitante e alegre. Com seus cabelos castanhos soltos ao vento, olhos verdes como jiló brilhando de tanta vivacidade, pele branquinha como uma boneca de porcelana, como ela era sapeca, e como ela era bela, tão bela que chegava a ser surreal.

Quando a via, meu coração batia como uma bateria de escola de samba, eu suava frio, meu corpo tremia mais do que qualquer cidade já atingida por um terremoto, meu sangue fervia e gelava ao mesmo tempo. Na época eu não sabia que aquilo era paixão.

Enquanto ela brincava de amarelinha no meio da rua, eu ficava sentado na calçada – comendo açúcar caramelizado e escolhendo as palavras certas para compor poesias em sua homenagem, poesias que nunca passaram de rascunhos.

No pega-pega, eu fazia questão de pegá-la, mas era tão tímido que no máximo eu a tocava no ombro, o que já era o bastante para que eu não lavasse a mão por dias. E quando ela me pegava, infelizmente era só de leve, eu mal sentia, mas ainda assim era bom, muito bom.

E quando brincávamos de ciranda cirandinha, eu fazia questão de ficar numa posição que pudesse vê-la de frente, para poder admirá-la ainda mais. Eu me sentia a pessoa mais feliz do universo, o mundo poderia acabar, mas eu não deixaria de ficar ali rodando, rodando, e rodando...

Infelizmente as nossas brincadeiras de salada mista eram bem juvenis, o mais despuddorado que acontecia era um beijo no rosto. Porém eu só conseguia, assim como todos os outros, apertar a mão da Fernandinha, mas era tão bom que eu prolongava ao máximo aquele momento, só a soltava após vê-la me encarando toda carrancuda. Acredito que ela nunca desconfiou dos meus sentimentos, pois era tão pura aquela menina.

Estudávamos na mesma sala no colégio, mas tínhamos pouco contato por lá, porque ela tinha suas amiguinhas grudentas. Eu sempre sentava atrás dela, para poder vê-la sem temer ser descoberto, e também para sentir o cheiro do seu corpo.

Num certo dia, eu encontrei um fio de cabe-

lo dela em cima da mesa e o levei para casa, onde guardei dentro de um livro até a minha adolescência, só o perdi porque minha mãe jogou o livro fora, o que foi uma pena, pois eu queria ter até hoje aquela lembrança tão viva da bella-vistense mais bela...

O aroma de tangerina ainda paira sobre o meu eu. Que lembranças! Que tempos foram aqueles!

Quando eu e Fernandinha nos víamos, o nosso cumprimento era bem peculiar, mexíamos o nariz como se fôssemos dois coelhos. Não, não tenho a menor ideia de como isso começara.

De repente sinto uma forte e ligeira vertigem, e caio em mim. Estou debaixo do cobertor, na minha cama. O vento ainda sopra forte do lado de fora. O aroma da tangerina se apagou dentro de mim. Mas ainda estou empapado de nostalgia.

Então salto da cama, coloco um casaco, visto minhas botas e saio de casa. Eu preciso, necessito, com urgência, daquelas tangerinas típicas da minha Bella Vista, que eu devo encontrá-las em algum lugar aqui no bairro, não em grandes supermercados, mas sim em quitandas, assim creio.

Entro no elevador. Enquanto desço, eu recordo do dia em que soube que Fernandinha tinha se mudado para outra cidade, na época eu tinha apenas quinze anos.

Quando piso na calçada, percebo que o frio é ainda maior do que eu imaginava. Pessoas continuam indo e vindo, todas apressadas, muitas com olhos cravados na tela do celular. O sinal fecha e eu atravesso a rua. Ando por cinco quadras, entro na quitanda da Valéria, mas não acho nada. Passo por mais duas quitandas, mas ainda não encontro as tais tangerinas.

Desanimado, eu entro na Praça do Rosário e me sento num banco e fico a pensar na vida. Pessoas e mais pessoas passam perto de mim, mas não me veem, sou como um fantasma ou uma estátua de mármore. Mas, de repente, alguém para na minha frente. Ergo a cabeça e vejo aqueles olhos cor de jiló pulsando de tanta vivacidade, é Fernandinha, não tenho dúvidas, é a Fernandinha da minha Bella Vista.

Ela me pergunta se sou bella-vistense, e eu confirmo. Eu faço a mesma pergunta, apenas por formalidade; e ela confirma. Ela diz que se chama Fernanda e me pergunta se chamo Alex, eu confirmo novamente. Sorrimos um para o outro. Então ela me dá um beijo no rosto e me abraça.

Ah, quanto tempo eu esperava por esse abraço, quanto tempo... Meu coração palpita. Acho que estou levitando... Eita mundinho surpreendente, que voltas que a vida dá! Ela está exatamente do jeito que era, mas agora tem um corpo mais esguio e um quê, e bota quê nisso, de sensual.

Deixei as tangerinas pra lá e fomos à Cafeteria Canção. Enquanto tomávamos cappuccinos, conversávamos sobre o que acontecera com nossos amigos da época e a que pé andava a cidade de Bella Vista. Falamos sobre o tempo, sobre a vida nos dias de hoje e outras coisas mais. Então começamos a revelar os rumos que nossas vidas tomaram.

Fernandinha me conta que está casada há seis anos e tem duas filhas. Trabalha numa farmácia de manipulação, e o marido é engenheiro numa indústria automotiva. Logo descobri que moramos na mesma cidade há dois anos.

Pergunto se ela quer conhecer o meu apartamento. Ela não hesita em aceitar.

Pausadamente caminhamos rumo ao meu prédio. No caminho, relembramos as bizarrices de infância e ficamos com o estômago doendo de tanto rir. Como ela é graciosa ao rir, que sortudo é o marido dela, que sortudo, meu Deus!

Logo estávamos no aconchego do meu apartamento. Pergunto se quer beber alguma coisa, ela diz que sim e sugere algo alcoólico. Então abro um vinho que tinha comprado para o Natal. Encho nossas taças e brindamos o nosso reencontro. A conversa flui, assim como o vinho.

Ela diz que estava procurando um novo colchão para o marido que anda com dores nas costas. Eu digo que andava com o mesmo problema, que fora resolvido com o meu colchão atual. Então ela me pergunta se eu a deixaria provar o meu colchão, e eu autorizo.

Fernandinha se espalha toda na minha cama e me convida a deitar ao seu lado. Obedeço. Ficamos lado a lado, dando risadas como duas crianças abobalhadas. Então eu toco a sua mão. E ela fica em silêncio. E nós ficamos em silêncio. O tempo passa. Logo nos encaramos. E o sentimento foi tão forte que nos beijamos. Ficamos nos beijando por longos e longos minutos. Então nos despimos e fizemos amor... Sim, fizemos amor, muito amor...

Não sei que hora era, mas já era noite quando acordei. Fernandinha estava se vestindo. Então eu a ajudo e a levo até a porta. Ela diz que está atrasada e que tem que fazer o jantar para as crianças e o marido. Trocamos um abraço e dizemos um até logo, mesmo sabendo que esse até logo poderia nunca chegar. Então eu volto pra cama e começo a pensar no meu trabalho, nas desculpas que daria pela minha primeira falta.

Hoje não sou a mesma pessoa que era na juventude, assim como Fernandinha também não é. A cada dia que passa o ser humano se transforma em um novo eu. Mas isso não quer dizer que não podemos voltar a ser quem éramos no passado, nem que seja apenas por uma singela tarde de inverno...

categoria **CRÔNICA** ■ 1º lugar  
Lúcio Rodrigues Junior – Tatuí - São Paulo

## RAM MÓVEIS

Tudo começou quando o discreto guarda-roupa colonial apaixonou-se pela culta e rebelde estante de livros.

Ele, legítimo jacarandá, viúvo da distinta e refinada cristaleira, tinha desse casamento uma filha: mesa de jantar – donzela de certa idade, educada para servir discretamente.

Entretanto, no final dos afazeres, depois de esvaziadas as taças de vinho, mesa de jantar entrava em devaneios nos quais ela se transformava na macia e aconchegante cama, protegida e amada pelo criado-mudo.

Estante de livros não tinha linhagem nobre. Pertencia à geração beat: aglomerado de madeira revestida com padrão cerejeira. Ainda jovem, acolheu Platão, Marx, Sartre e Nietzsche, com a mesma irreverência com que acolhera atlas geográfico, dicionários, literatura védica e revistas em quadrinhos. Já na maturidade, permitiu-se algumas veleidades, ostentando sem constrangimento um aparelho de TV e um DVD. Porém, num cantinho meio escondido, guardava com muito carinho discos antigos de Raul Seixas e Pink Floyd.

Teve um curto relacionamento afetivo com armário embutido – jovem robusto, um pouco vazio e secretamente apaixonado por uma elegante mala, também vazia.

O namoro com o sofá também terminou na maciota. Estante de livros não era dada e compromissos duradouros.

Por essas e outras, o romance entre o nobre guarda-roupa e a descontraída estante de livros tornou-se objeto de comentários na cozinha. Geladeira e fogão, nas horas de folga, não falavam de outra coisa, para desgosto da máquina de lavar, que alimentava certa esperança de que as calças e camisas, devolvidas limpas e perfumadas, demonstrassem ao guarda-roupa que ela tinha muito mais coisas em comum com ele, do que aquela lambisgoia metida à culta. Quase silenciosamente, máquina de lavar derramava lágrimas de espuma.

As irmãs gêmeas cadeiras de varanda também não economizavam fofocas. Diziam que guarda-roupa colonial era um velho rabugento com dobradiças enferrujadas. Riam-se das pretensões da doméstica máquina de lavar, mas também não apreciavam estante de livros, alegando que era maluca e pedante. Na verdade, não perdoavam o rompimento do romance da estante com o sofá, o confortável primo das gêmeas.

Aconteceu que o inusitado caso amoroso afetou quase todos: cadeiras trocaram de lugares, pia de cozinha entupiu e as camas beliches brigaram, indo uma para cada lado do quarto. Só a velha cadeira de descanso não se abalou: continuou em seu canto, indiferente ao que acontecia à sua volta.

Para desgosto dos mais conservadores, o diz-que-me-disse aumentava dia após dia. Numa noite em que o ambiente ficou insuportável com os cochichos, piadinhas e risadas, berço de nenê acordou e desandou a chorar. Foi o pretexto suficiente para que o neurastênico coronel armário de aço decretasse estado de exceção, a fim de restabelecer a ordem e a decência no recinto.

Estante de livros foi considerada subversiva. Seu compromisso anarquista e os discos escondidos serviam de provas para o veredicto do tribunal composto por freezer, micro-ondas e capacho de entrada.

Destituída de suas funções, foi condenada ao quarto de despejo; os livros e discos confiscados e vendidos para um sebo. Seu lugar foi ocupado por sistema modulado, moderno e sem história, dotado de mesa de computador e prateleiras para TV e DVD.

Desolado, guarda-roupa colonial perdeu asilo em uma loja de móveis usados. Foi substituído por armário embutido, uma das testemunhas de acusação de estante de livros.

A tímida mesa de jantar passou a ter pesadelos recorrentes, nos quais ela vê a si mesma desmontada e queimada numa fogueira de festa junina. Fogão e geladeira fizeram cara de paisagem e as gêmeas cadeiras de varanda, arrependidas, converteram-se à religião da moda.

Máquina de lavar centrifugou as lágrimas e aceitou namorar botijão de gás. Tão atarefada em suas obrigações domésticas, não percebe que ele é trocado periodicamente. Berço de nenê dorme placidamente.

As noites agora são silenciosas. As conversas foram proibidas após o apagar das lâmpadas. Entretanto, aos sussurros, circulam boatos sobre a possível destituição do coronel armário de aço. Provavelmente entrará para a reforma em algum ferro velho.

Também no silêncio da noite, eu, computador, gravei estas notas em minha memória.

categoria **CRÔNICA** ■ 2º lugar  
Odimar Justino Martins Proença – Tatuí - São Paulo

## O UNIVERSO NUMA FOLHA DE PAPEL

- O que existia antes do Big Ben?

- Bom dia! Meu nome é folha de papel. Belisque-me, se estamos realmente tendo esta conversa; mas faça-o com cuidado para não deixar vincos ou marcas que me acompanharão pelo espaço da existência que tenho – até que me decomponha em frases e palavras que poderão ser perdidas ou esquecidas pelo tempo.

- Entretanto voltemos à pergunta inicial. Sabes, talvez, a resposta por que procuro?

- Teu silêncio move-me, porém, não me posso dar ao luxo das lágrimas, do mesmo modo que te peço para que evites os erros de grafia e as rasuras: ambas me desgastam!

- Talvez quem melhor descreveu o sentimento humano sobre a existência, depois da filosofia Pós-Socrática, foi René Descartes, com a frase: “Cogito, ergo sum”, do latim (meu latim anda um pouco meio apagado), e do bom francês “Je pense, donc je suis” (Penso, logo existo).

Antes, tudo era feito às duras penas. Uma ta-ta-tataravó da minha avó também transmitiu aos seus descendentes, histórias de dificuldades de outros tempos, quando a tortura consistia em revezar as cócegas na região do rodapé e espirros no cabeçalho das pobres folhas e um pensamento mais elaborado aumentava o suplício das minhas antepassadas (talvez, nessa época, tenha surgido a expressão: “a tortura das palavras”).

- Tempos remotos, da imprecisão da tradição oral, dos borrões ilegíveis, da falta de instrução acadêmica foram amenizados aos meus ascendentes “folhas de papel” – que grafaram novos tempos com a invenção da imprensa. Embora possamos reconhecer: um erro impresso é um erro que se perpetua. Gutenberg dá às palavras o sentido de difusão em massa, reduz a escrita “mano a mano” e multiplica os vocábulos expandindo o seu universo. É como se, antes tudo fosse só matéria e mais “nada”. É o Bing Bang do conhecimento.

- Uma dessas folhas foi deveras importante, em sua época, pois, pertencia a um Sheik Espirro. Desculpe-me, é uma piada antiga de família. De William Shakespeare, há um universo de palavras a serem desvendadas no eterno dilema sobre o ser que existe em nós e sobre o ser que as outras pessoas acreditam existir: ambas não cabem em uma só existência...!

- Foco! É difícil pensar na existência antes da matéria; tudo que tocamos, sentimos, imaginamos e, principalmente, pensamos, é concreto, se não pelo conteúdo, é por aquele que o contém. E apesar de ser a folha que aceita tudo, também posso ser a página virada que muda tudo.

- Pergunto: Isaac Newton pensou sobre isso? Entre uma maçã que caía e um céu em forma de abóboda, teria ele pensado sobre a razão de existir do universo e da vida, ou simplesmente, ficava feliz pelo fato de: as melancias e as abóboras não produzirem seus frutos em árvores?

- Camões pensou? Talvez não! Entre batalhas e um olho perfurado, Camões descreveu o amor de Jacob, Raquel e um apêndice cauteloso dado por Labão: Lia (mais de quatro mil anos separam Camões da história

original) e deu em versos a grandiosidade de sete anos mais sete anos que Jacob teve que trabalhar para receber o amor de Raquel. Teria ele pensado nos cento e sessenta e cinco milhões de anos que os Dinossauros dominaram a Terra, na avidez da fome, da procriação e do desconhecimento de eventos cataclísmicos? Evidencio que não!

Outro português, um tal de Fernando que, entre outras “cousas”, era um em diversas “Pessoas”, uma para cada estilo de se impor em palavras, sentimentos e estado de espírito. Capaz de rasgar as frases no verbo, encaixar com força descomunal as sílabas nas rimas e matizar a fúria das letras na moldura dos poemas sem, contudo, jamais amarrotar a folha de papel. Este ao dizer um “sei lá” ao que pensava do mundo, disse muitíssimo do que pensava sobre o mundo mesmo sem, como todos, saber “sobre a criação do mundo” e dando ao universo um “sentido íntimo”. Suas palavras ainda se propagam pelo universo que conhecemos, este universo que, um dia, poderá ou não acabar, pelo menos da forma que o concebemos ou poetizamos.

Galileu Galilei e Leonardo Da Vinci – estes, eu tenho quase certeza de que pensaram! Mas “quase” é o primeiro invólucro da dúvida. Eram mentes inquietas que criavam onde não existia nada, tão próximo ao paradoxo que a pergunta exige. Leonardo (olha a intimidade que a folha de papel pode proporcionar) foi a primeira pessoa a explicar por que o céu é azul (a atmosfera age como prisma atuando onde raios solares colidem com as moléculas de ar, água e poeira e são responsáveis pela dispersão do comprimento de onda azul da luz – pronto, escrevi). Da Vinci, por ser canhoto, escrevia da direita para esquerda, talvez para evitar borrões em suas anotações (Ufa!) e quase sempre não finalizava suas obras de pintura, seu universo inacabado.

- Galileu, por sua vez, expôs os olhos ao limite entre ver e enxergar. Preferiu ver a ignorância que saltava aos olhos, do que enxergar aos outros a verdade que brilhava ao sol. Teriam eles também discutido o passado?

- “Não há nada ao sul do Polo Sul (além dos Pinguins), portanto, nada havia antes do Big Bang” – concluiu o grande cientista Stephen Hawking. Para ele, “o que havia antes da grande explosão era basicamente nada”. Também concluiu, a partir da teoria de Einstein, que “o contínuo de espaço-tempo é uma superfície fechada sem fim, como a superfície da terra, sobre a qual podemos seguir caminhando eternamente sem cair dela” (os hamsters não sabem disso).

- 13,8 bilhões de anos nos separam da resposta.

- Vejo que está tudo anotado. Pela maciez da ponta do lápis percebo que se trata de um lápis max redondo B12.

- Perdão, nossa! Como posso ter falhado! Esqueci-me de perguntar qual o seu nome. Por favor, poderia me falar seu nome?

E o interlocutor respondeu de maneira direta:

- Borracha!

- Meu Deus! Socorro!



categoria **CRÔNICA** ■ 3º lugar  
Luiz Eduardo de Carvalho - São Paulo - São Paulo

## O QUIXOTESCO CAVALEIRO DA DISTOPIA

Faz tempo que não escrevo uma crônica. O gênero exige uma conexão com a realidade cotidiana em sua expressão de existência que, nos últimos anos, tem causado a todos, e também a mim, um profundo desconforto que nos impele ao alheamento. Perdi, por isso, o laço com os fatos e com os atos, agora que apenas os observo virtualmente, agora que aderi ao grupo dos que preferem mirar o mundo pela janela, como se ele fosse apenas algo lá fora, longe do campo da experiência pessoal.

O mundo, o espaço coletivo do mundo, tornou-se esse solitário hiato desabitado. Até mesmo o dono da tabacaria já não chega à porta, senão por medo de assalto, por resistência à interface com a existência compartilhada com seres reais de carne e osso. O Esteves já não anda por ali, compra suas cigarrilhas online e recebe-as em casa. E quem espreitava pelas janelas do quarto na mansarda já não vê a rua constantemente cruzada por gente, senão em carros.

O lugar do coletivo deixou de pertencer a todos, a uns, a alguém. É agora de ninguém: nem do público, nem do privado; nem do Estado, nem da população. É apenas imenso vácuo de sentido e utilidade que abriga o vazio e a solidão da metrópole, pontuado em toda parte com os detritos da obsolescência programada pelo consumismo moderno e habitado por seres igualmente dejetados, igualmente obsoletos, que se entocam nas frestas das cidades como líquidos infiltrados nos sólidos projetos de nossa modernidade falida. Sem-tetos, sem-terras, sem-escolas, sem-livros, sem-identidades, sem-vivos, sempre-vivos! Ocupantes provisórios de colchões fétidos, sofás deteriorados, lonas rotas, os andrajados aos farrapos, as vasilhas vazias de comida e o olhar refeito em cinza. O húmus social no vácuo de um mundo compartimentado e cruel.

De nossas janelas, não os vemos sob as pontes, marquises, coretos, nem nos vãos ou nas valas do chão... Também não sentimos o cheiro da putrefação dessa compostagem humana. E não vemos as chagas, a infecção, o edema, o pus. Não sentimos a imundice com o bafo do álcool anestésico, ou com o falso brilho de algum alucinógeno que transforme fome em delírio de pertencimento a um mundo excludente.

Escolhemos nossas janelas seletivas e selecionamos a versão de mundo que nos deleita ou, ao menos, aquela que toleramos. Exilamos o restante incômodo para o invisível plano do real, a lixeira dos problemas da qual vivemos apartados, lugar onde alguns, além dos próprios dejetados, ainda insistem em habitar. Heróis como o padre Julio Lancellotti, no bairro da Mooca, em São Paulo, que está sendo ameaçado

de morte, com a fachada de sua casa estampada nas redes que insuflam violência. O padre que ousou, ao longo de décadas, defender moradores de rua, que ousou salvar aidéticos, que ousou ajudar crianças sem amparo. Bendito caudilho da piedade e do compadecimento... como ousou tanto assim e por tanto tempo consecutivo, com sua resiliência de homem santo, como ousou resistir à fome, à peste, à morte e agora à essa guerra? Como ainda ousa tanto e com a vitalidade dos primeiros anos!?

Pode parecer delírio desse velho cervantino, mas o padre Lancellotti, que conheço desde menino, tornou-se um triste e refigurado Quixote dessa pós-modernidade distópica que erigiu o intransponível muro dos encapsulamentos individuais, atrás do qual se garante a exclusão do que não desejamos pra nossas curtas vidas. Vãs vidas valiosas demais para desperdiçarmos com essas tolices de causas sociais, direitos humanos e outras mazelas derivadas dos desajustes no sistema que não conseguimos mesmo mudar por nada! E assim, dissociados da pólis e da verdadeira política, anestesiemo-nos e vagamos alheios. Informados, atualizados, mas alheios.

O filantropo religioso, contudo, enfrenta não só a nossa omissão, mas também a fúria daqueles em quem a anestesia não fez efeito e que querem varrer o lixo humano de suas portas, sem implicar causas ou consequências, desde que a assepsia social, tão em voga no tremular da bandeira nacional ultimamente, seja eficiente e execute o banimento do que, segundo a concepção dessa raivosa e vociferante facção, não merece sequer existir. Foi assim que o padre Júlio tornou-se um obstáculo a ser removido, para que tal depuração traga ainda mais valorização ao nobre e caro bairro, já tão revitalizado após o ciclo industrial do século passado. Cabeça a prêmio, no entanto, parece mais do que intimidação para a manipulação do mercado imobiliário. Mas ele enfrenta os dragões e os moinhos apenas com a palavra e a cruz.

O santo guerreiro, com nobre sobrenome de cavaleiro da justa tábua redonda, sentou-se solitário à cabeceira quadrada desse nababesco banquete de barbárie. Não propriamente o que ronda sua humilde casa e ameaça sua desvalorizada vida, mas outro bem mais abrangente: aquele que, mesmo que não mate os poucos padres que ainda prestam por aí, prefere que o lixo humano despejado nas ruas continue não sendo visto, nem mesmo pelas seletivas janelas que nos mantêm imunes à humanidade. E é justamente a favor da humanidade exilada que, nessa injusta justa pré-medieval, pelega o solitário cavaleiro Lancellotti, Quixote de la Mooca! E nós, em nossa omissão e descaso, não servimos nem para Sanchos de sua luta inglória.

categoria **CRÔNICA** ■ Prêmio Galardão  
André Stahl de Góes – Tatuí - São Paulo

## POR RAZÕES ESTÉTICAS E DE EXISTÊNCIA, ESSE TEXTO POSSUI UM TÍTULO MUITO GRANDE

Acontece-me de, em alguns momentos, sentir que vivo num livro e meu corpo é formado pela tipografia de uma fonte do word. Tenho cérebro, mas a imaginação está enclausurada no limite de linhas. Essa suspeita costuma durar pouco porque prontamente percebo que minha vida consiste de uma longa narrativa ininterrupta onde acontecem todas as situações banais de um dia. Escovo os dentes, como, faço as necessidades fisiológicas, sento e ando. Mesmo os escritos mais detalhistas não escrevem com crueza absoluta de informação sobre cada ato. Isso seria impraticável, o autor se tornaria o personagem. Brevemente me indago se não sou o escritor obcecado que se perdeu pelas linhas.

A suspeita afinal faz algum sentido. É dito que Deus é o Verbo e o Verbo é Deus, na escrita reside o poder de criação, por isso me soa um tanto estranho o relato inicial da criação em Gênesis. A passagem da criação me satisfaria mais se fosse assim: E no início, Deus desenvolveu a linguagem e viu que era bom. Então se foi a criar todo o resto, como a luz, a água e os seres vivos.

Os espaços entre palavras talvez me ajudem também na resolução, pois talvez sejam os momentos onde nada acontece, quando estou a olhar a parede por segundos antes de me dar conta. Momentos completamente desperdiçados que seriam quase tão importantes quanto o resto do conteúdo. Todos os livros seriam menores se não houvesse a necessidade de espaço. Os livros também sempre possuem páginas brancas ou parcamente usadas em suas primeiras folhas. E a história em si só começa após a página 6, 7, 9, por aí. E depois no final há algumas enormes folhas sem palavra, como se por meras exigências gráficas os personagens não pudessem viver mais uma página sequer. Ficam lá mostrando a possibilidade, cruelmente vazia. São o limite da existência.

categoria **POESIA** ■ ■

1º lugar

Gabriel Eduardo Bortolini  
Porto Alegre - Rio Grande do Sul**SONETO  
(OU DEDO MÉDIO)  
AO CAPITÃO**

Ao olho da avenida salta a lupa  
em largos rostos pálidos da Lapa:  
- O dedo do gatilho não escapa  
se a língua dessa boca desentupa!

Ao cano da escopeta o que preocupa  
jamais é o fogo amigo que te chapa  
os cinco dedos verdes do teu tapa  
tampouco a bala doce que alguém chupa

Nas voltas do tambor desta roleta  
será a falta de tato do que habita  
ou a falta de teto o que te mata?

Que não se omita o mito da mamata  
passado de bigode antissemita  
pistola aponta a quem antes se meta

2º lugar

Pedro Vittorio Oliveira Andrade  
São Paulo - São Paulo**NOITE E  
NEBLINA**

Contemplem o vazio deixado agora  
Nos campos onde, outrora, em coorte,  
Passaram, sem tanger jamais por fora,  
Irmãos fadados a beijar a morte.  
As multidões, unidas, viram pó;  
Um duplo “S” estrala o seu chicote;  
Alguém consegue ouvir, em ré menor,  
A nota dissonante dum fagote;  
Mas olha ao seu redor: não há canção.  
Não há mais quem sussurre “humanidade”.  
Seu Victor Laszlo e Schindler não virão  
Mais do que agora, na posteridade.  
Às vezes, se as ideias viram fatos,  
Os homens destes homens viram ratos.

3º lugar

Ana Cristina Mendes Gomes  
São Pedro da Aldeia - Rio de Janeiro**VERSO E  
REVERSO**

No meio do caminho  
fui verso e reverso  
pedra angular e pedra tumular.  
Fui dilema, problema e fadiga  
dureza, cisco no olhar e aflição...  
Mas também, no meio do caminho,  
que Drummond não trilhou sozinho,  
abrandei minha rigidez  
e fui, ao menos uma vez,  
algo plano, fui a esperança,  
que o poeta revelou no atalho  
sinuoso de sua pena,  
fui inspiração, sua obra, sua lide,  
fui, enfim, a rocha e o senão,  
no vértice de sua criação.

Prêmio Galardão

Odimar Justino Martins Proença – Tatuí - São Paulo

**PASSOS E VERSOS**

Talvez, e somente talvez,  
batendo uma pedra contra a outra,  
numa noite necessariamente fria,  
o poeta inventa o fogo e  
descobre o calor da poesia.

Talvez, e somente talvez,  
desgastando uma pedra  
pelo esforço de fazê-la virar,  
o poeta encontra a roda e  
letra que faz o mundo girar.

Talvez, e somente talvez,  
soprando ossos ociosos,  
essencialmente, com furos,  
o poeta acha a flauta e  
a melodia que encanta tudo.

Talvez, e somente talvez,  
da varanda do mundo,  
imprescindível, com vento,  
o poeta imagina uma caravela e  
o que se pode ser levado pelo verso.

Talvez, e somente talvez,  
prensando a tinta à madeira,  
forçosamente, o papel fala  
e o poeta registra a voz,  
tornando eterno o som da palavra.

Talvez, e somente talvez,  
pisando a superfície da lua,  
Indispensavelmente,  
sem um texto que a defina  
o poeta apresenta a “imagem”,  
lugar onde nascem todas as poesias.



## A MINHA INSPIRAÇÃO

Meu nome é James. Quando nasci minha mãe era uma mulher muito simples, e não tínhamos muito dinheiro na época, como meu pai e minha mãe se divorciaram, éramos somente eu, minha mãe e minha avó em casa. Minha avó, mesmo mais velha, fazia o almoço em casa enquanto minha mãe trabalhava, ela era recepcionista em uma empresa de moda, trabalhava 12 horas por dia e não ganhava muito, mas nunca faltou nada em casa.

Quando entrei numa escolinha no nosso bairro, lá pelos meus 2 anos, ela foi promovida, e ganhava mais, e eu me lembro disso, pois minha avó fez um almoço especial em casa. Toda semana que fazíamos algum trabalho na escolinha, eu desenhava minha família, que éramos nós três. Meu pai nunca foi presente e minha tia morava em outro estado e só vinha no dia das mães com o meu primo e meu tio. Na nossa família, nós passávamos o dia das mães juntos, pois elas eram muito guerreiras em nossa família.

Quando fiz 5 anos, minha mãe ficou grávida da minha irmãzinha Helena e as coisas apertaram, mas ela não desistiu e lutou muito e conseguiu virar assistente, o aumento não foi muito grande, mas ajudou.

Quando fiz 6 anos, fui para o fundamental I, e minha irmã nasceu. Eu era o mais adiantado

da classe e adorava ler.

Finalmente havia feito 10 anos, minha mãe ainda dava duro e graças ao Incentivo dela, eu me inscrevi num concurso para redação, o prêmio era uma medalha, mas eu nem ligava para isso, pois o vencedor também conheceria o escritor que quisesse. E até hoje eu me lembro da minha avó entrando no meu quarto e me dando essa notícia.

Aos 12 anos, minha mãe mostrou um trabalho para a chefe dela, o que acabou levando-a para a área de designers. Como a minha irmã estava no fundamental, ela decidiu nos colocar em uma escola particular, pois aquela promoção nos ajudou a dar um grande passo. A diferença era notável e eu havia adorado aquilo.

Aos poucos, a carreira da minha mãe foi crescendo, os anos se passando, e eu cada vez gostando mais de escrever. E, finalmente, mudamos de casa para uma em melhores condições.

Eu já havia feito 16, e minha mãe se tornou a ajudante principal da sua chefe. Minha mãe já com a carreira direcionada, eu com um sonho de me tornar escritor, e minha irmã querendo ser professora de matemática com 10 anos. Nesse mesmo ano, a chefe da minha mãe se aposentou, e minha mãe com

42 anos se tornou chefe de uma empresa. Lembro-me daquele dia como se fosse ontem, havia sido festa lá em casa. Eu tinha escrito um poema falando da inspiração que minha mãe era pra mim.

Finalmente, a faculdade. Consegui entrar numa pública, e minha mãe ficou orgulhosa, mas eu tinha ainda mais orgulho dela.

Mais velho, lá pelos meus 23 anos, me inscrevi em outro concurso, o prêmio para o primeiro lugar era de 1.000 reais e a possibilidade de publicar um livro, e para o segundo também havia a possibilidade da publicação de um livro.

Só no ano seguinte, os resultados saíram, e eu fiquei em segundo lugar e pude publicar o meu primeiro livro. “Obras das sombras”, que surpreendentemente fez muito sucesso. E então fiz uma saga para ele e fiz vários outros livros. Mas o meu livro favorito foi escrever “Coração de Mãe”, pois teve a participação especial da minha maior heroína. E aqui estou hoje, com 36 anos, escrevendo sobre a minha história, sendo um pai, um marido, um tio, um escritor, e o mais importante de tudo, um filho. Tudo que já tive, tenho ou terei, será graças a minha mãe, a mulher a quem devo tudo.



## UMA MÃE PARA UM FILHO

No meu coração sempre vai morar.  
Amor mais delicado que cristal  
Mas por ele vale a pena lutar  
Pois é a única coisa que é imortal

Podem me tirar tudo que tenho  
Mas isso jamais vão arrancar  
O amor que tenho por minha mãe  
Que escrevendo tento demonstrar

Um ser humano como os outros  
Mas ao mesmo tempo muito mais

Que me faz sentir segura  
E finalmente dormir em paz

O beijo de boa noite  
Melhor que ele não tem  
E quando é ela que nos cobre  
Fica mais confortável também

Pode nos xingar  
E dar broncas também  
Mas todo mundo sabe  
Que é para o nosso bem

categoria **LITERATURA**ENSINO FUNDAMENTAL  
8º e 9º ano**1º lugar** | Catarina Costa Barreto - 8º ano  
Curso e Colégio Sul Paulista - Anglo | Professora: Mariana Fogaça Calviño

## O PADRÃO

Muitos acham que mãe é apenas aquela alma desgastada e cansada que passa o pano pelos chãos empoeirados de sua casa. Outros como aquela pessoa que o abandona na solidão de uma prisão, longe de todos, que por acaso é sua casa.

Existem aqueles que imaginam a mãe somente como a pessoa carinhosa que enche de beijos, outros a imaginam ausente, preocupada apenas com o trabalho. Eu protesto.

A jovem de 15 anos, contida por uma nova criatura em seu ventre, era moradora de um abrigo ao lado da desasseada rua da cidade, com seus tornozelos inchados e o corpo pesado. Abandonada pelos pais, sobrevivia de lavar pratos em uma lanchonete vazia. Estava desesperada. Como poderia ter deixado acontecer? Fora um acidente! Ninguém parava para ajudá-la a subir no morro. Quando chegava em seu miserável barraco, ligava a luz, sentava-se à mesa e chorava. Queria que estivesse tudo bem, porém, no fundo, não achava forças para continuar. Ela iria continuar, pelo seu filho, ela iria continuar.

Ela é uma mãe.

A avó branquinha e doente, que criava uma criança sozinha, lutava muito. A avó que

não desfrutava mais de filhos, ou de marido. Tinha apenas seu neto, que também estava perdido. Apesar de todos os traumas, havia uma família debaixo daquele teto. A mãe no corpo de uma avó, que mostrava ao seu neto o caminho certo para suas decisões. A velhinha o amava incondicionalmente e, mesmo com seus joelhos doloridos, ajoelhava e rezava para ele todas as noites.

Ela é uma mãe.

Dentro de uma casa grande abrigada no centro da metrópole, morava um pai viúvo, combatido pela tristeza. Criador e trabalhador, cuidava de três crianças. Apesar de todas as dificuldades, ele trabalhava duro para dar aos filhos todas as oportunidades. Fazia papel de todos os integrantes que achamos necessários em uma família. Perdeu sua mulher, porém isso não queria dizer que os filhos haviam perdido uma mãe. Ela estava lá, no corpo de um homem possuidor de rugas e cabelo grisalho, que tinha um sorriso falso, tomado pela saudade. Esse pai também é uma mãe.

Nas ruas, havia milhares de crianças sozinhas, sem dinheiro sem abrigo, sem família. Elas vagavam pelas cidades com chinelos desgastados, roupas rasgadas e estômagos

vazios. Esmolavam, ninguém dava a mínima. Essas crianças não tinham educação, saúde, não usufruíam do amor. Costelas à mostra, cabelos despenteados. Elas não queriam a pena que os cidadãos distribuía. Elas queriam uma família aconchegante. Por serem tão sozinhas, eram donas de si mesmas. Essas crianças são mães, são suas próprias mães.

Em uma casa isolada, saía – pelas estreitas janelas – fumaça, vinda da droga usufruída por uma mulher, ali, encontrava-se outra mãe. Uma mãe que ria, mesmo com seus filhos sumidos, a casa despedaçada, sem emprego, sem dinheiro, com uma mente descontrolada. Mesmo tomada pela ignorância, pelo egoísmo e pela covardia, essa mulher também é uma mãe, porque mães têm seus defeitos.

A mãe apoiadora, a mãe que apenas procura quando precisa, a mãe confiante, a mãe controladora, a mãe amorosa, a mãe que não existe, a mãe fria. A mãe engraçada, a mãe vingativa. Ser mãe não é fugir do padrão, porque não existe um padrão para ser mãe. A mãe é toda mistura de “isso” e “aquilo” juntos. Cada pessoa tem uma mãe dentro de si, independente de qual seja.

categoria **LITERATURA**ENSINO FUNDAMENTAL  
8º e 9º ano**2º lugar** | Maria Eduarda Xavier Soares - 8º ano  
Curso e Colégio Sul Paulista - Anglo | Professora: Mariana Fogaça Calviño

## PRIMAVERIL

Senti a água morna do chuveiro cair sobre meus ombros, as gotas se misturando com as lágrimas e a minha alma se contorcendo de agonia. Também senti as minhas próprias unhas se cravando na região entre meu braço e meu ombro. Senti toda a dor torturante e agonizante que eu seria capaz de sentir, não tinha ela ali ao meu lado para me confortar.

Com demasiado esforço, levantei-me do chão do banheiro e percebi que havia esquecido minha toalha, e não poderia pedir para ela ir buscar para mim. Com passos rápidos em uma tentativa falha de não encharcar o chão, fui até o meu armário e apanhei uma toalha, enrolando-me nela rapidamente.

Olhei para as minhas pegadas molhadas e percebi que ela não estava ali para brigar comigo por ter molhado todo o chão. Lembrei-me de que não foi ela quem me obrigou a ir tomar meu banho, lembrei-me de que ela não iria pentear meu cabelo enquanto me contava, mais uma vez, sobre a sua reação quando descobriu que estava grávida.

Penteei meu cabelo sozinha e, é claro, não foi um trabalho tão bem feito como ela sempre fazia. Terminei de vestir meu pijama e fui até o quarto no qual ela repousava, deitei em sua cama e afundei meu rosto no travesseiro, tentando achar algum resquício de seu perfume.

Senti-me levemente embriagada pelo cheiro floral que inundou minhas narinas, lembrei-me de quando era uma criança e entrava escondida em seu quarto para experimentar seus perfumes caros. Não pude evitar, meus olhos arderam e foram alagados pela aflição da saudade que sentia. Em minha mente, ecoava a sua voz, dizendo para eu me acalmar, que tudo aquilo era passageiro e eu iria suportar. Mas eu sabia que não era real.

Se eu soubesse que aquele dia seria o último que eu passaria com ela, eu teria feito valer mais a pena. Teria acariciado seus cabelos brancos perolados e memorizaria cada mínimo detalhe do rosto cheio das marcas que indicavam a velhice que chegara. Daria um dia apropriado para a rainha que ela foi, leria o seu romance

favorito e a levaria para ver a plantação de girassóis ao epílogo de seu último dia.

E, antes de dormir, eu tocava aquela música do Caetano Veloso que ela vivia me pedindo, mas eu sempre deixava para depois. Deitar-me-ia com ela e vigiaria seu sono profundo, o sono do qual ela já não acordaria novamente.

Acredito que o céu seja como seu lugar favorito na Terra, aquele lugar que lhe trazia paz e serenidade, no caso dela, seria um extenso gramado coberto pelo vigor das flores mais belas que fosse possível encontrar. Agora, enquanto escrevo este texto, observo a imensidão azul pela janela e vislumbro seu rosto nas nuvens disformes, o aroma do jardim me lembra o frescor de sua companhia e o bálsamo da terra ainda molhada me recorda dos dias chuvosos em que passávamos abraçadas.

Onde quer que esteja agora, desejo que ela possa ouvir o “eu te amo” que eu declaro, todos os dias, tanto na alvorada quanto no crepúsculo, pois são as palavras mais sinceras, genuínas e absolutas que já passaram por meus lábios.



## DIÁRIO DE MORTE

6 de dezembro de 1934.  
Querido Paulinho,  
Assim como Brás Cubas, sou um defunto autor, porém permaneço vivo perante aos acontecimentos de vossas vidas. Ver-te falar tão lindamente sobre vossa mãe é simplesmente incrível!

Que bom filho que foste para tua boa mãe. Sinto-a por meio de suas orações. Ela reza por ti, como em tantos momentos fez.

Quando nasceste, foi uma festa. Teu choro era tão forte. Lembro-me como se fosse hoje do belíssimo quadro que fixei em minha mente quando tua mãe, ainda chorando devido às dores do parto, viu-te, convertendo essas lágrimas de dor em alegria. Com tanto cuidado e carinho, ela te carregou, e assim continuou fazendo a medida que crescestes.

Infelizmente, parti quando ainda eras muito novo, mas recordo-me de ter-te em nosso quarto, com Mariquinha te consolando, após um pesadelo. Ela sempre foi os braços aos quais todos recorriam nos momentos de dificuldades, inclusive eu.

Quando paraste de crer em Deus, ela

passou a rezar não apenas por si, mas também para ti. Sempre preocupada e carinhosa.

Orgulha-me ver que percebeste seu esforço! O esforço de uma mulher que, após a morte do marido, guiou-te até a vida adulta. Quando estou a espiar por ela, deves saber que seus pensamentos sempre estão refletindo a vocês.

Sei que ainda não lhe informaste que a citaste em seu discurso de posse da cadeira da Academia Brasileira de Letras, mas ela sabe. Da mesma maneira que ela anteriormente sabia quando entrarias em nosso quarto pedindo auxílio. Ou como quando sente que vai esfriar e vos pede para pegar ao casacos.

Vossa mãe é a mais sublime de todas as criaturas. Valorize-a sempre mais e mais, porque eu próprio não o pude fazer o suficiente em vida, e agora arrependo-me.

Agradeça-a pelo pão e pelos sacrifícios que ela fez para lhes cuidar na Arcádia brasileira, como descrita por ti em Alma Cabocla. A cada vez que leio este, recordo-me do cheiro de querosene de

quando acendíamos as lamparinas e, eu, ainda jovem com sua mãe, ia ver o pôr do Sol tão rosa e alaranjado que irradiava com suas luzes as plantações de abacaxi. Recordo-me também de minha querida esposa, cujo tempo rendeu-lhe rugas e muito aprendizado. Recordo-me de seu cheiro, de sua simplicidade e de sua doce voz.

Aproveite, meu filho, o que ela lhe deu e agradeça sempre. Por suas orações e pedidos de bênçãos para ti, bem como pela simples dádiva de ter herdado o sangue determinado de Maria Teresa.

Afinal, ela é a musa de meu locus amoenus, essa bucólica cidade de Tatuí. Ela é a pessoa cuja vitória se baseia na vitória dos filhos, e a minha vitória, em seu sorriso, cujos motivos principais são vocês.

E diga-lhe, ao encontrar, que o ritual matrimonial está errado, pois não é apenas “na alegria ou na tristeza, na saúde e na doença, até que a morte nos separe”, mas, sim, até que a morte nos uma novamente.

Amo-vos e amo-a mais que imensamente.  
Teu pai.



## A COREOGRAFIA DAS LETRAS

Hoje, chegou o dia com o qual eu venho sonhando desde pequena. Parada atrás dessas cortinas grossas e pretas, enquanto espero que chamem meu nome, um turbilhão de lembranças me atinge, enquanto minhas mãos tremem e meu coração palpita rapidamente.

Fecho os olhos e, ao me permitir ser levada ao passado, imediatamente, sinto-me dentro da pequena e simples casa que sempre morei.

Ouçõ a voz da minha mãe me chamando da cozinha, como sempre fazia toda manhã, e ao andar até a pequena mesa, vejo o pão com manteiga e uma xícara de café, comprados com muito esforço. Apesar de não ter muito tempo comigo, pois trabalhava muito para nos sustentar, minha mãe sempre fez questão de acordar e usar esse tempo para conversarmos. A manhã sempre foi minha parte preferida do dia.

Eu amava escrever poesias. Era como se as letras dançassem no papel, e eu fosse a coreógrafa. Quando meu lápis se encontrava com a folha, as palavras eram escritas automaticamente, e percebi

que o ritmo sempre esteve presente, eu apenas precisava ouvi-lo. Tentei por muito tempo achar um lugar para minhas escritas, mas, antes mesmo de apresentá-las, elas eram rejeitadas.

Consigo me lembrar com clareza do dia em que peguei meu caderno velho, completo de poesias e levei para uma editora no centro da cidade. Parei em frente ao alto prédio e, ao passar por aquela grande porta de vidro, meu coração imediatamente se acalmou. Entrei em uma sala onde encontrei uma mulher alta, de longos cabelos pretos, que me encarou com um olhar curioso.

Depois de uma longa conversa e a entrega do meu valioso caderno, a mulher me prometeu que avaliaria minhas poesias e que entraria em contato assim que possível.

Quando cheguei em casa, minha mãe já tinha chegado e estava preparando o jantar, algo que ocorria com pouca frequência. Assim que me sentei à mesa atrás dela, ela se virou com os olhos marejados e se sentou à minha frente. Segurou minhas duas

mãos e olhou no fundo dos meus olhos. Esse olhar foi o que me fez perceber que o ritmo da minha coreografia era lindo, e eu sabia que ela acreditava em mim. Naquela noite, eu entendi todas as horas de trabalho e todos os sacrifícios pelos quais ela passou, e sempre foi por mim.

Ao abrir os olhos e virar para o lado, vejo minha mãe com o mesmo olhar que me deu naquela noite anos atrás. Ela me dá um beijo na bochecha e um abraço caloroso, amenizando um pouco o meu nervosismo. Terminado o abraço, ouço meu nome seguido de palmas, e sei que estou pronta para entrar.

Respiro fundo e caminho em direção ao prêmio, como se tudo que aconteceu e está acontecendo não passasse de um sonho, uma história. Ao tocar nele e me posicionar na frente de todos, minha história se concretiza e eu, finalmente, consigo entendê-la. Um sorriso nasce, espontaneamente, no meu rosto e eu seguro o microfone com firmeza: “Boa noite, senhoras e senhores”.

## JÚRI DO 17º PRÊMIO LITERÁRIO PAULO SETÚBAL

### **JOSÉ RUBENS INCAO**

Diretor da Biblioteca Infantil Municipal Renato Sêneca de Sá Fleury, pesquisador e especialista em mitologia, folclore e literatura. Membro da Academia Sorocabana de Letras, cadeira Cecília Meirelles

### **MARIA VIRGILIA FROTA GUARIGLIA**

Professora universitária e doutora em comunicação e semiótica. Membro da Academia Sorocabana de Letras, cadeira Haroldo de Campos

### **MYRNA ELY ATALLA SENISE DA SILVA**

Professora de letras, pesquisadora, mestre e especialista em literaturas. Membro da Academia Sorocabana de Letras, cadeira João Guimarães Rosa

## JÚRI DO 18º CONCURSO PAULO SETÚBAL LITERATURA E ARTES VISUAIS

### **CARMELINA MONTEIRO – Artes Visuais**

Educadora que se aperfeiçoou com grandes profissionais, como Tereza Berlink e Sérgio Romagnolo. Figurou inúmeras exposições, em Tatuí, Peru, Londres, São Paulo, Sorocaba e Rio de Janeiro.

### **JAIME PINHEIRO – Artes Visuais**

Iniciou trabalhos cenográficos em 1979, paralelamente a atividades na área de artes gráficas e como designer. Em 1997, instalou a Oficina de Cenografia no Conservatório de Tatuí, onde atua como professor.

### **MINGO JACOB – Artes Visuais**

Artista plástico, formado em desenho industrial. Trabalhou com artes gráficas e auxiliar de cenografia no CDMCC e como professor de desenho de observação. Já foi agraciado com diversos prêmios no estado de SP.

### **ARY ROBERTO – Literatura**

Ator, cursou a Escola de Arte Dramática e Escola de Comunicação e Arte da USP. Participou de diversas montagens teatrais. Fez parte do corpo docente do CDMCC. Atualmente, escreve para o blog “Ora, Ora Direis”.

### **CIMIRA CAMERON – Literatura**

Formada em letras, pós-graduada na USP, teve como professores Antônio Cândido e Paulo Emílio Salles Gomes. Foi professora de português lecionando na área por 40 anos no estado do Mato Grosso e São Paulo.

### **IVAN CAMARGO – Literatura**

Jornalista, é editor do jornal “O Progresso”. Tem publicados os livros: “Onde Moram os Tatus”, “Assombrações Caipiras”, “O Cativo”, “Até que a Morte nos Enlace”, “Santa Casa da Luz Vermelha” e “Golpe Baixo”.

categoria **ARTES VISUAIS**

ENSINO FUNDAMENTAL  
1º e 2º ano



◆ **1º lugar** | Felipe Pinto da Silva Fonseca - 2º ano  
Emef "Prof. Accácio Vieira de Camargo" | Professora: Elis Regina Prestes Barbosa



◆ **2º lugar** | Lorena Alves de Oliveira - 1º ano  
Emef "Prof. Accácio Vieira de Camargo" | Professora: Elis Regina Prestes Barbosa

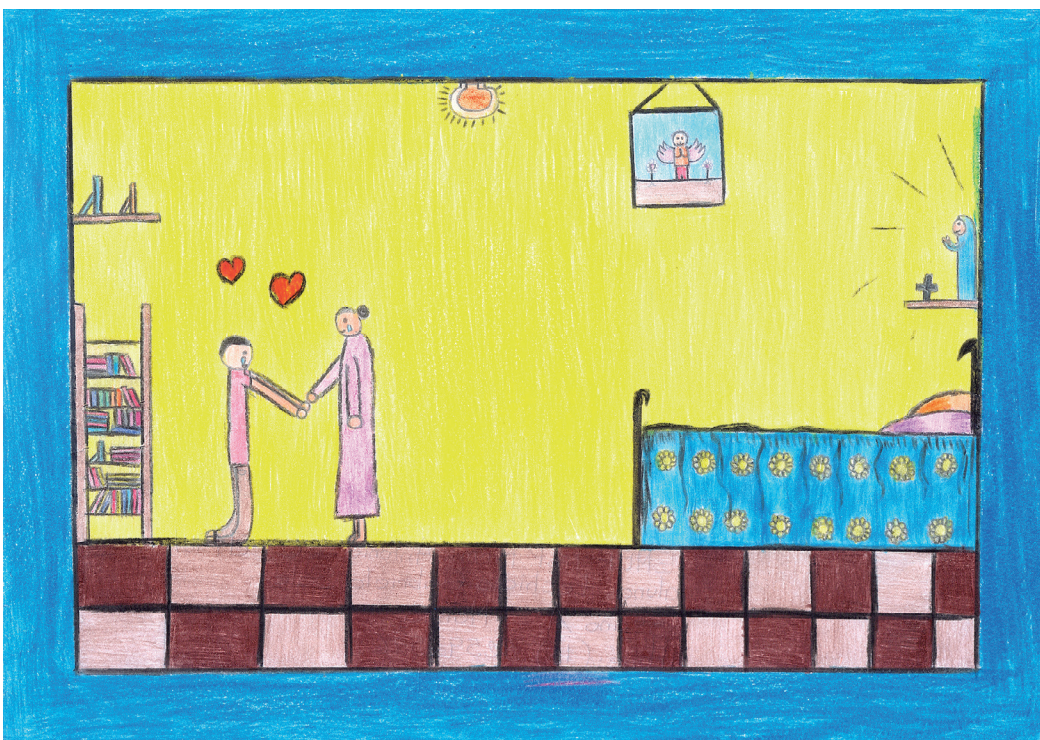


categoria **ARTES VISUAIS**

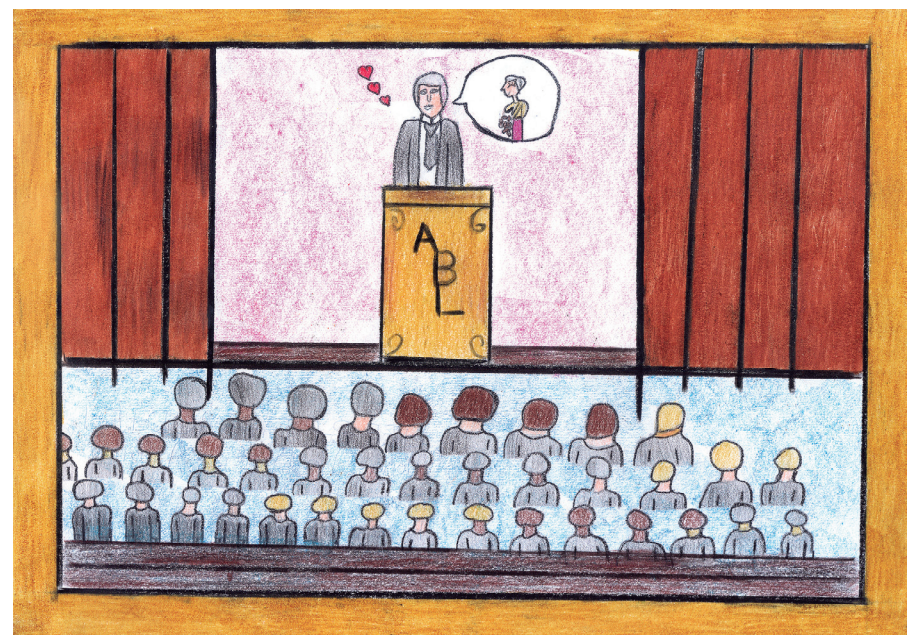
ENSINO FUNDAMENTAL  
3º, 4º e 5º ano



◆ **1º lugar** | Lethicia Gabriela Sales - 5º ano  
Emef "Prof. Firmo Antônio de C. Del Fiol" | Professora: Silvia Canto



◆ **2º lugar** | Ana Beatriz A Silva - 5º ano  
Emef "Prof. Firmo Antônio de C. Del Fiol" | Professora: Silvia Canto



# 77ª Semana Paulo Setúbal

Discurso na Academia Brasileira de Letras (1934-2019) - 85 anos

- 17º Prêmio Literário Paulo Setúbal
- 18º Concurso Paulo Setúbal



Troféus dos certames Paulo Setúbal 2019, feitos em latão polido (ouro), para os contemplados em primeiro lugar, em alumínio polido (prata), para os segundos, e em latão de castanho (bronze), para os terceiros; todos personalizados com base de granito e plaqueta em latão com os nomes gravados dos vencedores